



**Silvestre Gorgulho,**  
ex-secretário de Cultura,  
com o jogador Nilton Santos

uma clara diminuição no fervor patriótico unânime que unia o país no passado, embora ele próprio admita que continua incapaz de se desligar da Seleção e segue apostando em novas vitórias.

Essa mudança na relação com o escrete nacional também se manifesta no desabafo bem-humorado de Gilson Belém. Mesmo tendo sido testemunha de toda a era de ouro do futebol brasileiro, o veterano de 91 anos adota uma postura de protesto e avisa que reduziu seu envolvimento emocional com o time atual. O motivo? Critérios de convocação que ele considera injustos, como a ausência do atacante Pedro, do Flamengo. “Levaram quatro do Flamengo e não levaram o Pedro. Eu não vou torcer contra, mas pra mim...”, diz ele.

## Entre foguetes, balas e a saudade

Quando o aposentado Edmo de Oliveira fala sobre as Copas do Mundo, as lembranças não começam dentro de

um estádio ou diante de uma televisão. Elas surgem ainda nos tempos da fazenda, quando os jogos eram acompanhados pelo rádio e a imaginação completava aquilo que os olhos não podiam ver. Foi assim que ele viveu os primeiros mundiais da Seleção, ouvindo as transmissões que mobilizavam comunidades inteiras e transformavam cada partida em um acontecimento coletivo.

A Copa de 1962 ocupa um lugar especial em sua memória. Aos 17 anos, já trabalhando, Edmo decidiu organizar a própria celebração. Comprou foguetes, sacos de balas e reuniu crianças na praça em frente ao colégio da cidade. Ao fim dos jogos do Brasil, distribuía doces para a garotada enquanto os rojões anunciavam a festa. Uma dessas comemorações quase terminou em susto quando um foguete lançado por ele atingiu o telhado de casa. Hoje, a história é contada entre risos, como uma das muitas lembranças que a Copa deixou.

Diferentemente de muitos torce-

dores, Edmo nunca se interessou por colecionar álbuns de figurinhas ou enfeitar ruas. A rotina de trabalho ocupava o tempo livre que tinha na juventude. Ainda assim, acompanhava atentamente cada Mundial, e não só os jogos do Brasil. Para o torcedor fiel do Botafogo, futebol sempre foi mais do que entretenimento: era um compromisso que atravessava gerações e reunia familiares, amigos e vizinhos em torno de uma mesma expectativa.

Entre todas as Seleções que viu jogar, nenhuma o marcou tanto quanto a de 1970. Na sua avaliação, aquele time representava um futebol diferente do atual. Ele recorda uma equipe que venceu todos os jogos da campanha, encantou o mundo e contava com jogadores que confiavam plenamente uns nos outros dentro de campo. Pelé, Garrincha e, mais tarde, Ronaldinho Gaúcho aparecem em suas lembranças como exemplos de atletas capazes de transformar uma partida com talento e criatividade.

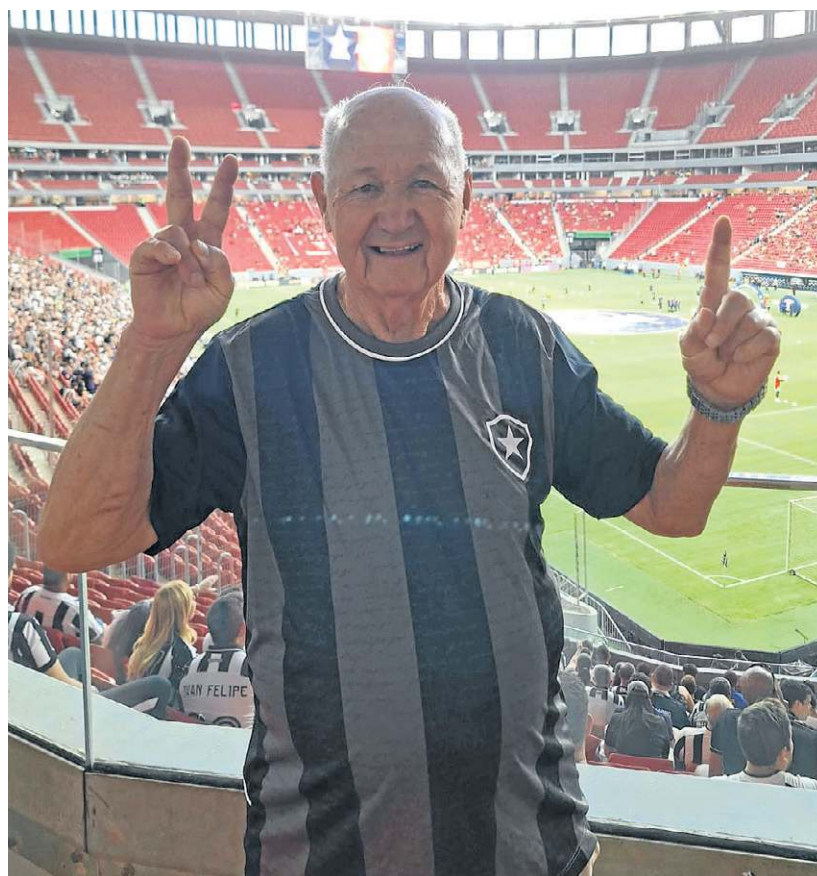
Ele relembra com carinho, também, os bolões que aconteciam no trabalho durante aquela época. “O primeiro que eu entrei foi na estreia do Brasil em 1970, apostei alto, 4 x 1, e o povo dizendo que eu era doido. Ganhei o bolão sozinho.”

Ao olhar para o futebol contemporâneo, Edmo não esconde a nostalgia. Critica o excesso de interesses comerciais em torno da Seleção e acredita que muitos jogadores de hoje atuam mais pelo dinheiro do que pela camisa. Também lamenta a quantidade de publicidade e apostas esportivas que cercam as transmissões atuais. Ainda assim, continua acompanhando os jogos e mantém o mesmo entusiasmo de décadas atrás. “Futebol é futebol”, resume.

Dos traumas de 1950 à consagração do manto amarelo de Aldyr Schlee, as histórias cruzadas desses torcedores mostram que a Copa do Mundo foi o espelho no qual o Brasil aprendeu a enxergar a si mesmo. O apito final de cada torneio deixa claro que as táticas mudam e os ídolos passam, mas as memórias de quem viveu a construção desse mito permanecem como o patrimônio mais sólido do país do futebol.

encantou o planeta e garantiu ao país a posse permanente da Taça Jules Rimet — a honraria máxima dada à primeira nação a se sagrar tricampeã mundial. Anos mais tarde, o torcedor brasileiro aprenderia a testar o coração em novas e eletrizantes frequências. Primeiro, em 1994, nos Estados Unidos, o país prendeu a respiração no drama angustiante da primeira disputa por pênaltis em uma final de Copa, que deu fim a um jejum de 24 anos com a conquista do tetra. Logo depois, em 2002, na Coreia do Sul e no Japão, veio a redenção incontestável sob o comando do “Fenômeno” Ronaldo, carimbando o título que alçou definitivamente o Brasil ao posto soberano de único país pentacampeão do mundo.

Essa realização do Brasil também transformou o ato de torcer em um fenômeno social e econômico. Com o passar dos anos e o avanço da internet, Celso Kaufman conta que testemunhou a perda desse caráter comunitário. “Hoje, com a modernidade, passou a ser apenas um jogo importante com uma torcida concentrada no jogo e com informações de todos os lados pelos aparelhos atuais de internet”, reflete o advogado. Para ele, houve



**Para Edmo, o futebol continua sendo uma das poucas diversões capazes de reunir pessoas**